

A APATIA CONTEMPORÂNEA: A FADIGA DA COMPAIXÃO E O COLAPSO DA SENSIBILIDADE ÉTICA NA ERA DA INFORMAÇÃO

THE CONTEMPORARY APATHY: COMPASSION FATIGUE AND THE COLLAPSE OF ETHICAL SENSIBILITY IN THE INFORMATION AGE

Débora Viana de Souza¹

Universidade Católica de Brasília, Brasil

Tatiana dos Santos²

Must University, Estados Unidos

Camila do Nascimento Kuhnen³

Must University, Estados Unidos

Edinaldo Enoque da Silva Júnior⁴

Rede Pública Estadual de Santa Catarina, Brasil

Jenerton Arlan Schütz⁵

Must University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/m6cqpb28>

Aceito em: 14.08.2026

Resumo: O artigo analisa a apatia contemporânea como expressão da fadiga da compaixão e do colapso da sensibilidade ética na era da informação. A partir de um diálogo entre filosofia, sociologia e educação, discute-se como o excesso de imagens e de estímulos transformou o sofrimento humano em espetáculo e esvaziou a experiência da empatia. A saturação da dor, ao invés de mobilizar, produz indiferença, convertendo a compaixão em emoção superficial e a solidariedade em gesto performático. Com base em autores como Sontag (2003), Bauman (2017), Han (2015, 2021) e Debord (1997), o estudo identifica que a hipervisibilidade do sofrimento conduz a uma anestesia moral, na qual o outro deixa de ser presença e torna-se imagem. Em contraponto, pensadores como Lévinas (1993), Arendt (2007), Freire (1996), Frankl (2019) e Larrosa (2002) oferecem caminhos para restaurar

- 1 Mestranda em Psicologia (UCB/DF). Psicóloga. E-mail: svianadebora@gmail.com
- 2 Doutora em Educação (Univali). Diretora do Programa de Educação da Must University. E-mail: tatiana.santos@mustedu.com.
- 3 Doutoranda em Liderança Educacional (Must University). Coordenadora de Relacionamento na Must University. E-mail: camila.nascimento@mustedu.com.
- 4 Doutor em Ciências da Educação (Unades). Docente da Rede Pública Estadual de Santa Catarina. E-mail: eenoquejr@gmail.com.
- 5 Doutor em Educação nas Ciências (Unijuí). Coordenador do Programa de Doutorado em Liderança Educacional da Must University. E-mail: jenerton.schutz@mustedu.com.



a dimensão ética do sentir, compreendendo o cuidado, o diálogo e a presença como fundamentos da humanização. Defende-se que a educação, concebida como espaço de experiência e hospitalidade, pode reativar o vínculo entre pensamento, corpo e afeto, resistindo à lógica da produtividade e da indiferença. O texto propõe, portanto, uma pedagogia da sensibilidade capaz de reconstituir a alteridade e resgatar a esperança ativa em tempos de cansaço moral. Em meio à saturação emocional e ao esgotamento ético, reaprender a sentir torna-se o gesto mais urgente da contemporaneidade — não como emoção efêmera, mas como prática política e existencial de resistência e reconstrução do humano.

Palavras-chave: Apatia; Compaixão; Alteridade; Sensibilidade ética; Educação.

Abstract: This article analyzes contemporary apathy as an expression of compassion fatigue and the collapse of ethical sensibility in the information age. Through an interdisciplinary dialogue between philosophy, sociology, and education, it discusses how the excess of images and stimuli has turned human suffering into spectacle, emptying the experience of empathy. The saturation of pain, instead of mobilizing, generates indifference, transforming compassion into a superficial emotion and solidarity into a performative gesture. Drawing on authors such as Sontag (2003), Bauman (2017), Han (2015, 2021), and Debord (1997), the study identifies that the hypervisibility of suffering leads to moral anesthesia, in which the other ceases to be a presence and becomes an image. In contrast, thinkers like Lévinas (1993), Arendt (2007), Freire (1996), Frankl (2019) and Larrosa (2002) offer ways to restore the ethical dimension of feeling, understanding care, dialogue, and presence as foundations of humanization. The paper argues that education, conceived as a space of experience and hospitality, can reactivate the connection between thought, body, and affect, resisting the logic of productivity and indifference. It therefore proposes a pedagogy of sensibility capable of reconstituting alterity and reclaiming active hope in times of moral fatigue. Amid emotional saturation and ethical exhaustion, relearning to feel becomes the most urgent gesture of contemporary life — not as a fleeting emotion, but as a political and existential practice of resistance and human reconstruction.

Keywords: Apathy; Compassion; Alterity; Ethical Sensibility; Education.

Introdução

A era da informação inaugurou uma nova forma de sensibilidade e, paradoxalmente, de insensibilidade. O excesso de dados, imagens e discursos tornou-se um ruído que atordoa, um fluxo constante que nos aproxima de tudo e, ao mesmo tempo, nos distancia de todos. Vivemos em um tempo em que a dor alheia se tornou um espetáculo e o sofrimento, um produto de consumo. As guerras, as catástrofes ambientais e as desigualdades sociais são transformadas em fragmentos visuais que desfilam diante dos olhos de um espectador saturado, para quem sentir se tornou uma tarefa exaustiva. Sontag (2003) denomina esse fenômeno “a fadiga da compaixão”: o esgotamento da capacidade de se comover diante da dor do outro. O excesso de visibilidade e a repetição do sofrimento geram um anestesiamento coletivo, no qual a emoção se confunde com o hábito, e o espanto dá lugar à indiferença.

Essa anestesia afetiva não é mero acaso histórico, mas sintoma de uma estrutura social que, ao transformar a comunicação em transparência total, destrói a profundidade do sentir. Han (2015) observa que a sociedade do desempenho e da positividade exige indivíduos permanentemente disponíveis, conectados e produtivos, mas emocionalmente vazios. A aceleração da vida moderna e o imperativo da visibilidade dissolvem o silêncio, o tempo e a interioridade, condições fundamentais para a experiência ética. Bauman (2017) acrescenta que a modernidade líquida produz vínculos frágeis e relações instantâneas, incapazes de sustentar o compromisso moral com o outro. Assim, a apatia contemporânea não é ausência de emoção, mas excesso desprovido de sentido: um sentir fragmentado, saturado e impotente.

Face ao exposto, torna-se urgente repensar a sensibilidade como fundamento ético e educativo. A apatia contemporânea, marcada pelo colapso da alteridade e pelo esvaziamento da empatia, demanda uma reflexão que una filosofia, sociologia e educação. Mais do que compreender o fenômeno, é preciso buscar caminhos de reumanização. É nesse horizonte que autores como Lévinas, Arendt, Freire e Larrosa se tornam indispensáveis: todos, a seu modo e especificidade, apontam para a necessidade de restaurar a presença, a escuta e o cuidado como práticas de resistência à desumanização. A ética, para Lévinas (1993), por exemplo, nasce do rosto do outro, da vulnerabilidade que nos interpela e exige resposta. Já Arendt (2007) lembra que a incapacidade de pensar e sentir é o que torna o mal possível; e Freire (1996) reafirma que a educação é sempre um ato de amor e diálogo, nunca de indiferença.

O presente artigo busca compreender a apatia contemporânea como expressão da fadiga da compaixão e do colapso da sensibilidade ética na era da informação. A análise, de caráter teórico e reflexivo, propõe um diálogo entre diferentes tradições de pensamento da crítica da sociedade do espetáculo de Debord à filosofia da alteridade de Lévinas, da pedagogia humanista de Freire à estética da lentidão de Han. Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que a crise do sentir é, antes de tudo, uma crise de escuta e de presença. Reaprender a sentir, nesse sentido, não é um gesto sentimental, mas um ato político: implica recuperar o tempo, o silêncio e a hospitalidade como condições para a reconstrução do vínculo humano.

Ademais, em tempos em que a dor se tornou conteúdo e a emoção, mercadoria, propor uma pedagogia da sensibilidade é propor também uma forma de resistência. A superação da apatia requer mais do que compaixão instantânea exige uma ética do encontro, em que o outro volte a ser presença viva e não apenas imagem. A tarefa da educação, hoje, talvez seja justamente essa: restituir densidade ao olhar, profundidade ao afeto e sentido à convivência, reafirmando, contra a fadiga moral de nosso tempo, a possibilidade sempre urgente e necessária de continuar sendo humanos.

A saturação da dor e o espetáculo do sofrimento

A sociedade contemporânea convive com um paradoxo perturbador: quanto mais o sofrimento é exposto, menos ele é sentido. O bombardeio constante de imagens de guerras, desastres, desigualdade e miséria, transmitido em tempo real pelos meios digitais, produz uma espécie de anestesia moral. O sofrimento humano, ao ser reproduzido infinitamente nas telas, perde sua potência simbólica e se converte em ruído visual. O olhar, saturado, já não distingue a dor real do espetáculo. O horror é consumido com a mesma indiferença com que se desliza o dedo por uma tela.

A exibição incessante da dor humana transformou o sofrimento em espetáculo e o olhar em consumo. A fotografia da guerra, o exílio e a morte deixaram de ser apelos à ação para se tornarem objetos de contemplação estética, fragmentos que despertam curiosidade, mas não compromisso. Como observa Sontag (2003, p. 20), “ser espectador de calamidades é uma experiência cotidiana”. O excesso de imagens do sofrimento gera uma fadiga da compaixão, um esgotamento da capacidade de comover-se. O espectador moderno sente demais e, por isso, já não sente nada. A dor, ao ser representada e repetida, se distancia e se banaliza; a emoção, privada de profundidade, converte-se em hábito.

O fenômeno da estetização da dor encontra expressão plena naquilo que Debord (1997) denominou de sociedade do espetáculo, em que o real é constantemente substituído por sua representação. O espetáculo, explica o autor, não se limita às imagens que circulam, mas constitui uma forma de relação social mediada por representações. Nesse contexto, o sofrimento humano é convertido em mercadoria simbólica e consumido de forma superficial. Cada tragédia é rapidamente sucedida por outra, compondo um ciclo de comoção e esquecimento. O horror, ao ser encenado, perde sua força ética e se torna produto cultural. O público aprende a indignar-se sem agir, a emocionar-se sem transformar, um exercício de sensibilidade efêmera que dissolve o vínculo moral entre ver e responsabilizar-se.

O diagnóstico de Bauman (2017) sobre a modernidade líquida ajuda a compreender a instabilidade afetiva que caracteriza a compaixão contemporânea. Nas relações mediadas pela tecnologia, a proximidade virtual substitui o encontro real e o compromisso moral se dilui na fluidez das conexões. O sujeito é exposto a uma sucessão de tragédias e pedidos de ajuda que, pela repetição, deixam de sensibilizar. Diante da avalanche de estímulos e informações, a mente se protege pela indiferença. Não se trata de frieza ou crueldade, mas de um esgotamento emocional que neutraliza a empatia. A superexposição à dor alheia, em vez de fortalecer os laços humanos, destrói o silêncio interior necessário à escuta e à presença.

A sociedade contemporânea transformou a comunicação em fluxo incessante, onde tudo precisa ser visto, dito e compartilhado. O excesso de exposição elimina o

recolhimento necessário à experiência interior e converte o outro em simples objeto de consumo visual. Como analisa Han (2021), a lógica da transparência e da visibilidade total destrói a profundidade do olhar, pois quando tudo se torna acessível, nada mais é verdadeiramente percebido. O sofrimento, ao ser reduzido a imagem, perde sua singularidade e se torna dado estatístico. Fragmentado em postagens e compartilhamentos, ele circula sem destinatário, dissolvido no ruído das *timelines*, enquanto a empatia, exaurida pelo excesso, se converte em curiosidade e tédio.

A saturação da dor revela, portanto, uma crise do olhar e da sensibilidade. Ver não é mais encontrar, mas acumular imagens. O olhar, em vez de ser ponte, torna-se barreira. As redes sociais ampliam a visibilidade do sofrimento, mas enfraquecem o vínculo ético. A dor do outro é transformada em evento compartilhável, e a solidariedade, em reação instantânea. Diante de tantas tragédias, o sujeito contemporâneo escolhe sobreviver emocionalmente — e a forma de fazê-lo é sentir menos. O silêncio interior, antes condição da compaixão, é substituído pelo ruído das notificações.

Bauman (2017, p. 91) sintetiza essa experiência em um trecho de forte impacto:

Somos, ao mesmo tempo, espectadores e vítimas da avalanche de miséria humana que se desenrola diante de nossos olhos. O sofrimento do outro não nos é estranho, mas também não nos pertence; ele passa por nós como uma corrente fria que sentimos por um instante e logo esquecemos.

O espetáculo da dor, portanto, não apenas banaliza o sofrimento, ele o neutraliza. O olhar saturado não reconhece mais o humano, mas o transforma em imagem. A compaixão torna-se performance moral, e a indiferença, uma forma de sobrevivência psíquica. O drama ético da contemporaneidade é que o excesso de visibilidade não aproxima as pessoas, apenas as esgota. O sujeito, cercado por tragédias, perde a capacidade de sentir e de agir; torna-se observador impotente de um mundo em colapso.

A saturação da dor e a estetização do sofrimento não se limitam ao campo midiático: expressam um colapso profundo da experiência ética. O outro deixa de ser presença convocadora e torna-se reflexo distante, reduzido à condição de imagem efêmera. Como observa Sontag (2003, p. 87), “a exposição contínua à dor dos outros cria o risco de nos tornarmos insensíveis à realidade que essas imagens pretendem revelar”. A repetição incessante de tragédias nos meios digitais produz um olhar anestesiado, incapaz de transformar emoção em responsabilidade. Han (2021) complementa que a cultura da transparência dissolve a distância necessária à empatia, pois quando tudo é exibido, o sentido se esvazia e o olhar se torna consumo. Reaprender a olhar é, portanto, o primeiro passo para reaprender a sentir. Resistir à lógica do espetáculo significa restaurar o silêncio e o espanto diante da dor, devolvendo à imagem seu poder de presença e à compaixão sua densidade humana.

Reabilitar o olhar implica recuperar o tempo e a vulnerabilidade como condições da experiência ética. A compaixão só é possível quando há pausa, quando o sujeito se

permite ser tocado pela presença do outro sem a mediação da pressa ou da distração. Na cultura da velocidade, a dor precisa ser decodificada e superada rapidamente; contudo, é na demora que o sentido se revela. Escutar o sofrimento, e não apenas vê-lo, exige disposição para suportar a fragilidade e o desconforto que a alteridade provoca. O reencontro com o humano talvez dependa menos de novas tecnologias de sensibilização e mais da coragem de sustentar o silêncio, de permanecer diante da dor sem traduzi-la em espetáculo. Somente nesse intervalo de escuta e presença o olhar pode voltar a ser encontro, e a imagem, novamente, testemunho de humanidade.

A fadiga da compaixão e o cansaço do sentir

A sensibilidade humana atravessa um processo silencioso de desgaste. Na era da hiperconectividade, o sujeito vive permanentemente estimulado, exposto a uma quantidade de afetos e informações que ultrapassa sua capacidade de elaborar. O excesso de sofrimento visível, aliado à cultura da positividade e à sobrecarga emocional, produz uma espécie de entorpecimento afetivo — uma fadiga do sentir. Não se trata de ausência de emoção, mas de exaustão diante do excesso dela. Han (2015, p. 27) define essa condição como “um cansaço da alma”, típico da sociedade da performance, em que a pressão para sentir e reagir se converte em forma de esgotamento. O indivíduo contemporâneo é convocado a ser empático, engajado e solidário, mas o faz em ritmo acelerado, sem tempo para o afeto amadurecer em vínculo.

A exigência contemporânea de sentir tudo o tempo todo transformou a empatia em espetáculo. As emoções são expostas, medidas e validadas publicamente, enquanto o sofrimento real se torna pano de fundo para performances de sensibilidade. Nesse contexto, Bloom (2016) identifica o que chama de “paradoxo da empatia”, ao argumentar que quanto mais se cobra compaixão, menos as pessoas conseguem agir eticamente. A empatia, assim, converte-se em emoção performática, impulsionada pelas redes sociais e por campanhas que reduzem a dor a um apelo momentâneo. O sentimento, desprovido de reflexão, perde sua dimensão ética e transforma-se em consumo emocional. A compaixão, que antes movia o agir solidário, passa a ser uma vitrine moral, um gesto de autopromoção no mercado das emoções.

Le Breton (2016) argumenta que a experiência afetiva depende do corpo como mediador da presença. O sentir nasce da relação entre corpo e mundo, mas, na era digital, essa mediação é substituída pela imagem.

O corpo se torna transparente, um simples suporte funcional para a vida produtiva. Ele perde sua espessura simbólica e sensível, convertendo-se em ferramenta de performance, em meio e não em lugar do existir. A emoção, desancorada da presença, torna-se simulacro, reduzida à aparência de sentir (Le Breton, 2016, p. 71).

Quando o corpo é afastado da experiência, a emoção torna-se representação. O toque, o olhar e o silêncio, formas primárias de comunicação afetiva, cedem espaço a gestos digitais, rápidos e impessoais. A empatia virtual, embora instantânea, carece de profundidade e continuidade. O sujeito sente em pixels, mas não se implica no real.

A lógica afetiva contemporânea transformou o sentir em um ato calculado. O amor e a empatia, antes experiências de encontro e transcendência, passaram a obedecer à lógica do consumo e da visibilidade. Fromm (2008) observa que o amor moderno se converte em mercadoria emocional, na qual o outro é buscado não pela presença, mas pela função de espelho. Mais adiante, Han (2021) adverte que a empatia segue o mesmo destino: esvaziada de profundidade, torna-se performance social, expressão de um sentir que precisa ser exibido para existir. Assim, a compaixão se desgasta e o afeto se reduz a aparência.

Nesse contexto, Frankl (2019) oferece uma contraposição humanizadora a esse esvaziamento. Para ele, a capacidade de sentir é inseparável da busca de sentido. O sofrimento só adquire valor quando é reconhecido como experiência de significado, a vida conserva sentido em qualquer circunstância, mesmo na dor, se o indivíduo for capaz de encontrar um para quê. O sofrimento, quando dotado de propósito, deixa de ser mero fardo e converte-se em expressão da liberdade interior do ser humano (Frankl, 2019).

A fadiga da compaixão, portanto, não resulta apenas do excesso de estímulos, mas da ausência de propósito. Quando o sentir é desconectado do sentido, transforma-se em emoção descartável. A compaixão verdadeira não nasce do impulso, mas do reconhecimento da dignidade do outro.

A cultura digital transformou o sentir em uma obrigação permanente. Nas redes, o afeto é exibido como prova de autenticidade, e o cuidado com o outro confunde-se com a necessidade de autopreservação. O sujeito é induzido a expressar emoções antes mesmo de vivê-las, convertendo a dor em narrativa e a vulnerabilidade em performance. Nesse processo, o silêncio, condição essencial para o amor e para a escuta, desaparece. O resultado é uma saturação afetiva: emoções comprimidas, sentimentos esvaziados e uma sensibilidade que se desgasta pelo excesso. O cansaço do sentir não é ausência de empatia, mas a sua distorção.

A fadiga da compaixão, nesse sentido, revela o limite humano diante da superexposição. Ver e sentir continuamente o sofrimento alheio, sem poder transformá-lo, produz impotência e culpa. A emoção sem ação degenera em melancolia social. Bauman (2017, p. 102) já advertia que “a moralidade não é uma questão de informação, mas de responsabilidade”, e a responsabilidade só floresce onde há tempo e vínculo. A era da aceleração suprimiu ambos. As emoções tornaram-se instantâneas e reversíveis, e o sujeito, exausto de sentir, escolhe a indiferença como refúgio.

O colapso da sensibilidade, portanto, não se manifesta pela ausência de emoção, mas pela sua saturação. O que cansa não é o sofrimento, mas o modo como ele é mediado, fragmentado, repetido, estetizado. A empatia precisa de silêncio, de lentidão e de presença; sem eles, transforma-se em ruído. A cura para a fadiga da compaixão talvez não esteja em sentir mais, mas em sentir melhor: aprender a sustentar o olhar, a suportar o tempo e a reconhecer no outro não uma imagem, mas uma vida. Somente assim o sentir recupera sua dimensão ética, e a compaixão, sua potência de transformação.

A reconstrução da sensibilidade passa, portanto, por um reaprendizado ético do olhar e do afeto. Em vez de reagir a cada estímulo com indignação efêmera, é preciso recuperar a capacidade de presença, de permanecer diante da dor sem reduzi-la a espetáculo. O sentir autêntico não se mede pela intensidade da emoção, mas pela profundidade da escuta. Reeducar o coração significa resistir à velocidade e ao esquecimento, restituindo ao encontro humano a densidade que a hipervisibilidade dissolveu. Nesse horizonte, a compaixão deixa de ser um reflexo passageiro e volta a ser um gesto consciente, capaz de interromper o ciclo da indiferença.

O colapso da alteridade e a urgência de uma pedagogia da sensibilidade

A apatia contemporânea não se limita ao esgotamento das emoções; revela um colapso mais amplo da alteridade. O outro, antes percebido como presença que interpela e convoca à responsabilidade, passa a ser visto como ameaça, ruído ou distração. A cultura digital, ao multiplicar as possibilidades de contato, transformou o encontro em interação superficial, onde o diálogo cede lugar à exposição e à comparação. Tudo o que é diferente, obscuro ou lento tende a ser excluído por não se adequar à lógica da eficiência e da visibilidade. Nesse contexto, a relação ética se dissolve: o olhar sobre o outro perde sua profundidade, e a empatia é substituída pela necessidade constante de desempenho e validação.

Sob essa perspectiva, Lévinas (1993) oferece uma chave fundamental para compreender a erosão contemporânea da alteridade. Para o filósofo, a ética não nasce do dever ou da razão, mas da experiência concreta do encontro com o outro, cuja presença rompe o fechamento do eu e instaura a responsabilidade.

O rosto do outro fala comigo e me ordena: tu não matarás. Ele não é um simples dado sensível ou imagem representável, mas a epifania do infinito, a presença que me desarma e me obriga a responder. Diante dele, toda tentativa de domínio ou objetificação se dissolve, pois o rosto inaugura uma relação assimétrica, em que o eu é chamado a servir e a cuidar. É nesse apelo silencioso que se funda a verdadeira humanidade, não no poder, mas na responsabilidade diante da vulnerabilidade alheia (Lévinas, 1993, p. 45).

Quando o rosto é substituído pela tela, o vínculo ético é rompido. A proximidade dá lugar à conexão, e o olhar torna-se distraído, incapaz de reconhecer a vulnerabilidade

alheia. O colapso da alteridade, nesse sentido, é também o colapso do humano enquanto relação, pois sem o encontro não há responsabilidade, apenas coexistência indiferente.

Outrossim, o pensamento freireano oferece uma resposta educacional à crise da alteridade ao compreender o ato de educar como um encontro que humaniza tanto quem ensina quanto quem aprende. Nesse processo, o diálogo se torna o espaço em que o sujeito reconhece a si mesmo no olhar do outro e compreende o mundo de forma compartilhada. Como afirma Freire (1996, p. 93), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. A pedagogia da dialogicidade, nesse sentido, não é apenas um método, mas uma ética: educar é acolher o outro em sua diferença, escutá-lo e permitir que sua presença se torne fonte de aprendizado mútuo e de reconstrução do sentido humano da educação.

A incapacidade de pensar e de sentir o outro foi o que permitiu a banalidade do mal, revelando como a ausência de reflexão pode transformar pessoas comuns em executoras de atos desumanos. Em suas análises sobre Eichmann, Arendt (2007, p. 42) mostra que o mal moderno não é produto de monstros, mas de indivíduos incapazes de questionar suas próprias ações. “A ausência de pensamento, essa terrível superficialidade, é o que torna o mal possível”. Essa ausência de pensamento é, ao mesmo tempo, ausência de empatia. Quando a escola se reduz a procedimentos e metas, reproduz a mesma lógica: forma sujeitos eficientes, mas incapazes de se afetar pelo outro. Educar, portanto, é um ato político no sentido arendtiano, criar o espaço onde o pensamento e a sensibilidade podem coexistir.

Nesse contexto, Larrosa reforça essa dimensão ao defender a educação como experiência e não como adestramento. Para o autor, aprender não é acumular informações, mas permitir-se ser afetado pelo mundo.

A experiência é aquilo que nos toca, o que nos atravessa e nos transforma. Ela exige tempo, silêncio e disponibilidade; não se trata de dominar o que acontece, mas de deixar-se acontecer por aquilo que vem. É no espaço da incerteza e da abertura ao outro que a experiência educativa encontra sua verdadeira profundidade e sentido (Larrosa, 2002, p. 25).

A pedagogia da sensibilidade proposta por Larrosa vai na contramão da lógica do desempenho: ela convida à escuta, à pausa e à vulnerabilidade. Em vez de preparar o aluno para competir, propõe ensiná-lo a demorar-se, a sustentar o olhar, a acolher o silêncio e a reconhecer o valor do encontro. Uma escola sensível é, portanto, aquela que reabre o espaço da presença, onde o outro deixa de ser ameaça e volta a ser interlocutor.

O colapso da alteridade, portanto, revela-se também como uma falência da imaginação moral, a incapacidade de sentir e compreender o outro como presença viva e não como abstração. Quando o sujeito deixa de reconhecer no outro um espelho de sua própria humanidade, o vínculo ético se rompe e a convivência se torna mera coexistência funcional. A pedagogia da sensibilidade busca restaurar esse vínculo a partir da escuta,

do cuidado e da empatia. Seu propósito não é formar sujeitos dóceis, mas conscientes, capazes de sustentar a atenção e o afeto em meio à pressa e à indiferença. O cuidado, longe de ser um gesto paternalista, é um ato de resistência à desumanização cotidiana, um modo de reafirmar o valor do encontro. É o que Freire chamaria de “esperança ativa”: o compromisso de manter vivo o humano mesmo em tempos de exaustão e cansaço moral.

A pedagogia da sensibilidade revela que o verdadeiro aprendizado floresce no intervalo, no tempo que escapa à lógica da pressa e da produtividade. Em meio à cultura do desempenho, o gesto de parar para escutar e acolher o outro torna-se um ato político e ético. Han (2015) argumenta que o amor e o cuidado só se manifestam plenamente quando há espaço para o não fazer, para a pausa que restitui humanidade às relações. Ao valorizar esse intervalo, a educação recupera seu poder de humanização: a presença do outro deixa de ser ruído e volta a ser sentido. Reaprender a sentir é também reaprender a conviver. Diante de uma sociedade que transforma o afeto em performance e o silêncio em ausência, o gesto mais radical talvez seja simplesmente o de permanecer atento, abrir tempo e escuta para o que ainda resiste ao ritmo da pressa.

Reconstituir a alteridade é tarefa simultaneamente ética e pedagógica, que implica repensar a própria natureza da escola. Mais do que um espaço de instrução, ela precisa tornar-se lugar de hospitalidade, onde o outro não é simplesmente tolerado, mas verdadeiramente acolhido. Educar, nesse sentido, é restituir o vínculo entre corpo, afeto e pensamento, recuperando a dimensão sensível do conhecimento. A educação sensível ensina não apenas a compreender o mundo, mas a reconhecer o outro como parte inseparável dele. Em tempos de fadiga moral e indiferença afetiva, talvez essa seja a última forma autêntica de esperança, uma esperança que se expressa no cuidado, na escuta e na coragem de permanecer humano.

Considerações finais

A apatia contemporânea não é apenas uma condição emocional passageira, mas o sintoma mais evidente de uma crise civilizatória: a falência da sensibilidade ética e da imaginação moral. A sociedade da informação, ao transformar a dor em espetáculo e o sofrimento em conteúdo, produziu um tipo de sujeito saturado de imagens, mas esvaziado de experiência. O excesso de visibilidade nos tornou cegos; o excesso de conexão nos tornou distantes. Nesse cenário, sentir tornou-se um ato raro, e o silêncio, condição essencial para o encontro e a reflexão, foi substituído pelo ruído incessante das comunicações instantâneas. O humano, reduzido à performance de emoções, vive a paradoxal experiência de uma empatia sem presença e de uma compaixão sem ação.

A reflexão aqui desenvolvida permite compreender que a fadiga da compaixão e o colapso da alteridade não decorrem da ausência de emoção, mas da sua superexposição. Como indicam Sontag, Han e Bauman, o olhar que se acostuma à dor perde sua capacidade

de responder a ela; o sujeito que sente demais torna-se incapaz de agir. A compaixão, quando mediada pela estética do espetáculo, se converte em um gesto vazio, emoção descartável, sem consequência ética. Reverter esse processo requer recuperar a dimensão interior do sentir, devolvendo ao afeto sua profundidade e ao encontro sua densidade humana. É nesse ponto que autores como Lévinas, Freire e Larrosa oferecem caminhos fecundos: pensar a educação como território de presença, hospitalidade e cuidado, onde o outro volta a ser interlocutor e não apenas imagem.

A educação, entendida como experiência sensível, surge como um dos últimos espaços de resistência à indiferença generalizada. Nela, ainda é possível aprender a olhar, a escutar e a sustentar o espanto diante do mundo. Uma pedagogia da sensibilidade não busca formar sujeitos dóceis nem competentes, mas humanos, capazes de pensar, sentir e agir em coerência com a dignidade do outro. Educar, nesse horizonte, é um ato político no sentido arendtiano: criar o espaço em que o pensamento e a sensibilidade podem coexistir, em que a pluralidade não é ameaça, mas fonte de aprendizagem. Trata-se de reabilitar a lentidão, o silêncio e o cuidado como dimensões pedagógicas, rompendo com a lógica do desempenho e da produtividade que exaurem o espírito.

Diante da fadiga moral do presente, a esperança não se encontra em novas tecnologias ou discursos de eficiência, mas na reapropriação do humano. Reconstituir a alteridade é reconstituir a própria condição de estar no mundo, reconhecer que o outro é a medida de toda ética possível. A pedagogia da sensibilidade, ao devolver corpo e alma ao ato educativo, oferece uma via de reconciliação entre pensamento e emoção, razão e afeto, indivíduo e comunidade. Talvez, em tempos de saturação e ruído, a tarefa mais urgente da educação seja precisamente essa: reaprender a sentir. E sentir, hoje, é um gesto de coragem, um modo de resistir à anestesia do tempo e de afirmar, contra o cinismo e a pressa, a persistente vocação do humano para a empatia e o cuidado.

Referências

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BLOOM, Paul. **Against Empathy**: The Case for Rational Compassion. New York: Ecco, 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração.

Petrópolis: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2021.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1993.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.